



Inovações no Telejornalismo local em Florianópolis: linguagem, fluxo de mudanças e permanências

Cárlida Emerim¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O artigo propõe demonstrar mudanças e permanências no telejornalismo local de Florianópolis (SC) a partir do conceito de inovação analisando a linguagem telejornalística. Para tanto recorre a estudos históricos já empreendidos pela pesquisadora autora bem como de outros autores que se utilizam das concepções de jornalismo local, articulados com os modelos da Semiótica Discursiva. O estudo de caráter empírico dedutivo demonstra que há no telejornalismo local de Florianópolis traços de uma linguagem técnica mais ampla e regular em detrimento de características e aspectos mais identificados com o local. Pode-se apreender que afora algumas adoções de trejeitos linguajeiros e sotaques ilhéus os conteúdos produzidos respondem a um padrão hegemônico, estrutural e tecnológico, mesmo que os relatos sejam de situações circunscritas a uma região geográfica. O local não é prioridade, como se quer deixar parecer.

Palavras-chave: Telejornalismo; Local; Linguagem; Inovação; Semiótica Discursiva.

1. Uma introdução contextual

¹ Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, Pós-Doutora em Arte e Linguagem Televisiva. Professora e pesquisadora na Graduação e Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do GIPTele/UFSC/CNPq, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC e Sub-Coordenadora da Rede Telejor (2018-2019). carlida.emerim@ufsc.br

Gostar de televisão é muito mais do que posicionar-se de forma passiva e indiscriminatória quanto a seus conteúdos. É, sobretudo, ter a sensibilidade, à semelhança de um químico, de discutir sua “fórmula” e testá-la, para chegar, enfim, a uma “solução” que melhor se aproxime dos resultados esperados. Dessa forma é que vemos a televisão e as potencialidades de sua inserção no mundo individual e coletivo, na vida social e nas trocas simbólicas cotidianas. (MENESES, 2015, p. 19).

As telas estão cada vez mais presentes no universo cotidiano brasileiro, prioritariamente àquelas advindas da experiência da televisão e sua relação com os indivíduos no seu dia-a-dia. Uma relação quase visceral vivencia-se, na contemporaneidade, quase tudo a partir das telas de visão. É consenso, também, que essas telas de smartphone ou de celular tornaram-se as telas hegemônicas, unipresentes e onipotentes, as extensões – *a la* MacLuhan, dos corpos e mentes dos seres sociais. Então, se é indiscutível a influência das diferentes telas de visão na vida dos brasileiros, cabe perguntar o que estas telas têm de diferente daquilo que conhecemos por televisão. O que exibem? Qual é o conteúdo que atrai a tantos?

Na perspectiva da pesquisa histórica, principalmente aquela inspirada na vertente da História Pública, há conceitos e definições que precisam ser recuperados a partir de suas origens de modo que possam, de fato, servir de objeto de análise na atualidade. Este é o caso da televisão e, por consequência, do jornalismo produzido por e pela tevê. O conceito de História Pública é pertinente e vem sendo aplicado por esta pesquisadora mesmo antes da definição ser mais usual ou empregada nos estudos em jornalismo. De modo geral é experimentar a inter-relação entre a história oral e as práticas cotidianas, ou “a apresentação popular do passado (...) por meio de museus e patrimônios históricos, filme e ficção histórica” (LIDDINGTON, 2011, p. 34,35), principalmente aquelas que se efetivam a partir da exposição para um gama de audiências, permitindo que os métodos históricos sejam empregados por historiadores também fora das universidades, a partir também de dados do mundo “profissional”. Esta vertente integra a noção de patrimônio e memória nacional no qual a televisão, sob o contexto brasileiro, se encaixa perfeitamente e, por isso, esta ênfase permitiu recuperar boa parte da história da televisão em Santa Catarina em diferentes trabalhos que sedimentaram os caminhos para se pensar e estudar o local, mais especificamente programas que se autodefinem como de

televisão local ou de telejornalismo local. É preciso, também, reforçar o conceito de telejornalismo local² recém aprimorado em publicação lançada em setembro de 2019

O telejornalismo local assim pode ser conceituado como o espaço para a prática e a experiência televisiva do que é próximo, para a vivência da cidade e da região na tela de TV. Sua realização dependeria da produção simbólica e do trabalho de jornalistas identificados com aquele espaço físico e social, imersos, visíveis e reconhecidos por moradores e cidadãos com os quais estabeleceriam vínculos afetivos e de pertencimento, o que se efetiva e constitui reconhecimento. (COUTINHO e EMERIM, 2019, p.14)

Partindo desta premissa, o artigo propõe demonstrar mudanças e permanências no telejornalismo local de Florianópolis (SC) a partir do conceito de inovação analisado a partir da linguagem telejornalística. Por linguagem telejornalística compreende-se, como entende Emerim (2019) é

a gramática específica de produção que estabelece regras a partir das ações ou usos em telas, que se organiza a partir de um sistema de códigos comuns a natureza do meio televisual/audiovisual articulada aos fundamentos e preceitos do jornalismo, estabelecendo a aplicação de uma rotina de regras específicas de um fazer, aplicadas as diferentes naturezas e suportes.

Assim, é possível admitir que ao se compreender como certos elementos ou regras de ações se estabelecem como práticas de um fazer específico é possível mapear e analisar o que definimos como inovação no telejornalismo (EMERIM, 2016) o que para esta pesquisa, esta ligada a inovação tecnológica - estruturas técnicas (equipamentos, recursos de áudio e vídeo) e rotinas produtivas (atravessadas ou incorporadas por estes elementos) configurando ou reconfigurando as narrativas telejornalísticas. Afinal já se sabe que o jornalismo e o telejornalismo (assim como os meios de comunicação de forma geral) sempre foram impactados e modificados pela evolução tecno-social. Entre esses, a televisão é a que mais sofre com esta velocidade incessante de implementação tecnológica, tendo em vista que sua matéria prima é a imagem eletrônica em movimen-

² Muitos autores discutem esta acepção em torno do jornalismo local. Neste artigo, empregam-se apenas as definições que trazem aplicabilidade e operacionalidade par ao objeto empírico do trabalho: o telejornalismo local.

to. Os processos produtivos refletem nas narrativas que acabam também resultando no que se apresenta nos programas de telejornalismo via telas.

Na primeira parte do artigo, recuperam-se alguns resultados de pesquisa história sobre o Telejornalismo em Florianópolis demonstrando os seus primeiros 20 anos de implantação. Após, na terceira parte, se relaciona alguns destes contextos com o que se demonstrou em 2011 e 2012 e, por fim, nas considerações finais, se sistematiza vários resultados mais atuais, fruto de estudos sobre o telejornalismo local e os processos de inovação na linguagem telejornalística.

2. O começo de tudo: o local como referência

Para remontar esta parte da história do telejornal local e suas características enquanto linguagem telejornalística recorre-se aos estudos históricos já empreendidos pela pesquisadora autora bem como de outros autores que se debruçaram a historicizar a mídia jornalística local e/ou regional como MATTOS (1992), PEREIRA (1992), SEVERO e GOMES (2009), CAVENAGHI (2013) e EMERIM (2011, 2016) entre outros pesquisadores como Clóvis Reis e Rosiméri Laurindo. Assim, na primeira parte da presente secção contextualiza os estudos em televisão local e trata dos elementos constitutivos. Na segunda parte, apresenta um conjunto de exemplos mais amplos (somente de Florianópolis) para contextualizar o que se compreende como permanências e regularidades na linguagem telejornalística.

A produção televisiva do estado catarinense inicia em controvérsia: enquanto uns definem a TV Florianópolis como a pioneira (mas sem concessão funcionou apenas alguns meses) e outros a TV Coligadas de Blumenau, em 1969. De qualquer forma, enquanto outras capitais já tinham suas emissoras desde os anos 50, Florianópolis só foi ganhar sua emissora em 1970, com a implantação da TV Cultura –Tupi/Florianópolis³ (1970). Desta emissora até as TV Catarinense –RBS/Florianópolis (1979), TV Barriga Verde – Manchete/Florianópolis (1985) e TV O Estado/Florianópolis (1989), foram longos períodos de lacunas. Os estudos já citados permitem afirmar que estas emissoras

³ Mais sobre esta história pode ser lido em EMERIM e CAVENAGHI, Os primeiros 20 anos das emissoras de televisão em Santa Catarina. In: Anais do 4º Encontro Gaúcho de História da Mídia – Alcar RS, em 2012. São Borja/RS.

funcionavam com estúdios precários, com equipamentos antigos e pesados e que tinham muito tempo de programação a ser preenchido. Exatamente essas situações permitiam que os fatos e personagens das regiões geográficas onde os estúdios se localizavam tivessem maior espaço de exibição nas telas. Naturalmente, os locais ocupavam os noticiários e o espaço de entretenimento, muito maior na grade das programações na época, intercalado com as atrações nacionais, a partir das emissoras sedes em grandes centros do país. Porém, os critérios de seleção eram menos estruturantes e abria muito espaço para a divulgação dos acontecimentos mais corriqueiros da cidade. Florianópolis recebe, então, uma extensa cobertura de notícias e muito mais distribuição de conteúdo local com as atividades e artistas (personagens locais) que tinham tempo de fala e de apresentação de suas pautas. Shows de músicos tradicionais, apresentações de grupos folclóricos de dança, de teatro, mostras de festas típicas e que foram se tornando tradicionais, etc. Pautas que não só recebiam cobertura dos telejornais, (noticiários quase sem imagens gravadas, mas com muitas entrevistas ao vivo), como, também, longas exibições de seus trabalhos no estúdio.

A maioria destas emissoras conseguiam grandes índices de audiência porque traziam à visibilidade os vizinhos, os amigos de amigos, os conhecidos das localidades e regiões, os artistas e as personalidades da localidade, com tradições e trejeitos que eram reconhecidos pela comunidade local, havia uma relação de pertencimento, a tela representava o lugar de encontro, de referência.

Aliás, ao se estudar este período em diversas outras regiões do país o modelo de implantação foi o mesmo e, por consequência, este contexto ajudou e, muito, para o desenvolvimento da relação diferencial entre a televisão e o povo/público no Brasil, para os brasileiros de muitas regiões do interior, a televisão era “deles”, era o lugar para serem vistos e para verem seus conhecidos. Um sentimento de pertencimento e de apropriação para si do objeto (a tela de visão), que refletiu também na narrativa, nas rotinas produtivas, na oferta de produtos e serviços televisuais, estabelecendo uma cultura específica.

A partir de 1995, as grandes redes foram mudando o modelo de negócio e buscando implantar, inspirados em formas de gestão estrangeiras (Estados Unidos e Grã-

Bretanha, principalmente) uma padronização, fundada na perspectiva da qualidade, da eficiência, da administração enxuta e da tecnologia/modernidade.

Aqui neste período, mais do que explicitar uma linguagem telejornalística específica, é preciso ressaltar que embora se tenha grande espaço para relatar os acontecimentos do local, esta mesma proximidade trabalha de forma contrária para o estabelecimento de uma autonomia e independência dos jornalistas televisivos. O mesmo fator de reconhecimento e pertencimento, que potencializa a relação entre público e produtor no âmbito do entretenimento, não necessariamente ocorre da mesma forma nos noticiários dos telejornais. Segundo LÓPEZ (2009) e CAMPONEZ (2002), *grosso modo*, a proximidade com as fontes e com os próprios acontecimentos estabelece relações de vínculos sociais entre os jornalistas e a comunidade e, neste aspecto, pode estar em jogo “a proximidade geográfica” ou a “de interesse”, ambas articuladas por múltiplos fatores tais como empresarial, político, econômico, social, cultural: o local pode restringir a atuação dos telejornalistas que passam a reproduzir os fatos que interessam para a comunidade ao invés de selecionar os fatos pelos critérios de noticiabilidade do jornalismo e do telejornalismo.

Do ponto de vista da inovação, a partir da análise da linguagem telejornalística, os telejornais apresentavam narrações mais próximas ao modelo e ao tom radiofônico, com imagens mais gerais e cenas mais longas, passando imediatamente para esta perspectiva da edição das imagens combinadas com as falas dos repórteres telejornalísticos. Num primeiro momento, as falas traziam muito pouco os trejeitos e os sotaques da ilha, tendo em vista que os repórteres, em sua maioria vinham de outros estados, a saber, das emissoras sedes das grandes capitais, o que foi, aos poucos contribuindo para “desterritorializar” ou “deslocalizar” o tom de voz e as narrações telejornalísticas. Inicia, assim, a fase dos telejornais com estrutura e padrão amplamente utilizado até os anos 2000.

3. O meio de tudo: o local como permanência

Neste pulo do tempo que se propôs, é importante ressaltar que este recorte se dá em razão das perspectivas de se estudar a inovação na linguagem, a partir da noção de telejornalismo local. A partir de 2011, o cenário de empresas de televisão Florianópolis

consiste em quatro grandes emissoras afiliadas: Rede Independente de Comunicação, ligada a Rede RECORD; TV Barriga Verde, ligada a Rede Bandeirantes; Rede Brasil Sul de Comunicações, ligada a Rede Globo de Televisão e SBT Santa Catarina, ligada ao Sistema Brasileiro de Televisão. Destas redes, a única com a sede principal no Rio de Janeiro é a Rede Globo sendo as outras três sediadas originalmente em São Paulo. As emissoras locais de Florianópolis operam com duas modalidades: repetidoras de programação nacional como também de produções internacionais compradas e exibição de produção local, a cargo das equipes sediadas em Florianópolis (e das sucursais pelo interior do estado catarinense).

Porém, sendo foco o telejornalismo de Florianópolis, os telejornais estudados de 2011 a 2017 foram: Jornal da Record (Record News) edição local; RBS Notícias e SBT News (edição local)⁴. Nestes, a intensa concorrência com as produções da internet reproduzidas via redes sociais e YouTube repercute diretamente nas escolhas das pautas e na linguagem telejornalística, tanto na forma de exibir quanto na de construir as narrativas e conteúdos.

Neste período, os telejornais mudaram três vezes de cenário, buscando adequações e estéticas mais próximas com um aspecto visual futurista, dedicado ao implemento do digital. Do ponto de vista das pautas, embora elas fossem produzidas no local, a estrutura narrativa e as escolhas formativas seguiam aquelas padronizadas pelas “cabeças de rede”, as emissoras e telejornais do eixo-Rio/São Paulo. Os profissionais que atuam nas redes RECORD e GLOBO têm menos sotaque característico da ilha de Florianópolis⁵, mesmo os repórteres que são locais, amenizam suas falas que parecem mais homogêneas às da rede como um todo.

Do ponto de vista da inovação, ela seguiu nas particularidades tecnológicas, agregando as falas gravadas e enviadas pela audiência/público incorporadas aos dos repórteres, porém, sem que estas modificassem, de fato, as modalidades narrativas telejornalísticas (a saber reportagem, nota coberta, lapadas, etc). Outras inserções devem-se ao uso de transmissões ao vivo, drones e go-pro em algumas reportagens especiais, mas

⁴ A TVBV não tinha regularidade na época de telejornal local a noite, sendo apenas ao meio dia. Por isso, ficou fora da análise.

⁵ É preciso esclarecer que o sotaque e os trejeitos da ilha de Florianópolis não é característica do restante do estado catarinense, é localizado e só na capital que se identifica com a cultura “manezinha”.

não diárias. O uso destes equipamentos foram apenas operacionais e estéticas, sem que a linguagem telejornalística pudesse ser pensada para responder as potencialidades dos equipamentos e suas possibilidades de exibição e apresentação de imagens. Os modelos narrativos permaneceram os mesmos, agregando estas imagens capturadas destes elementos tecnológicos para cobrir off's ou fazer encerramento de reportagens.

Quando a questão da inovação, os telejornais locais neste período, não trouxeram elementos técnicos ou estéticos em suas rotinas produtivas e nem modificaram seus processos e fazeres. Muito embora se tenha aberto mais espaço para participação do público, os materiais enviados com opiniões ou exibição de pautas sugeridas apareciam como “bônus especial”, como uma benevolência dos telejornais em exibir os materiais enviados pela audiência.

Novamente, estas “novidades” são trazidas para um nível superficial do programa, sem que sejam, de fato, incorporadas à linguagem telejornalística ou reapropriados/reconfigurados no processo produtivo. O que parece é que há uma simulação e produção de um efeito de sentido de pertencimento e de participação desta audiência no programa, mas que, na realidade, não ocorre. A produção deste efeito de sentido de proximidade é lucrativa para a empresa, mas não é capaz de inovar tampouco produzir uma inovação na linguagem.

Neste aspecto, o local se configura como permanência, ou seja, algo que se faz parecer ser importante e fundamental, porém mantém o mesmo tipo de proximidade de interesse com o uso da proximidade geográfica. O local é pautado para parecer ser permanente, mas é tão efêmero quanto às mudanças tecnológicas apresentadas, mas não incorporadas aos fazeres e rotinas. Esta afirmação só pode ser ofertada tendo em vista que a pesquisa da vertente em histórica pública permite conhecer e compreender o papel histórico da implantação destas emissoras e também observar as características fundantes e as relações imbricadas neste processo.

Diante do exposto, reitera-se o enorme campo de trabalho no que concerne a esta proposta de restabelecimento histórico, pois as emissoras pioneiras que foram sendo compradas e reorganizadas ao longo dos anos iniciaram de forma extremamente inovadora, exatamente com esta perspectiva mais regional, mais identitária com suas audiências. Este estudo contribui nesta acepção, o conhecimento desta implantação histórica

com o objetivo de compreender, com mais aprofundamento, **porque** e **como** foram se construindo padrões técnicos, estéticos e econômicos nos modos de produção operados ao longo dos anos em Florianópolis. No meio de tudo não está mais o local, de fato, mas uma instância de virtualização, do parecer ser, o local não é a mais o centro, é apenas o fluxo, o que muda, o que não se conhece, o que a nada pertence.

4. O “fim” de tudo: o local como imperfectivo

Para fechar as proposições, retoma-se outra premissa que dá conta dos fluxos de mudança e de permanências. A priori é preciso definir o que se entende por fluxo, fluxo de mudanças e permanências.

Começando por permanências, a palavra é utilizada neste artigo com seu sentido mais objetivo – algo que permanece – mas que assume neste trabalho um conceito operacional funcionando como elemento que estabelece a regra, que imprime regularidade e, regularidade pressupõe repetição, rotina, manutenção.

Já a mudança traz em si a inconstância, o que muda, o que move, o que se modifica. E é nesta concepção que se aproxima com a noção de fluxo – o que flui, que segue o curso, que tem movimento contínuo, uma circulação. .

Ao analisar a configuração discursiva deste tipo de texto, telejornal, investigando suas rotinas produtivas, suas especificidades e efeitos de sentido propostos bem como a compreensão das relações históricas envolvidas nesse processo de discursivização, foi possível entender as relações entre o produto exibido e o meio mercadológico que o estrutura, identificando as mudanças, as permanência e regularidades e os fluxos do processo.

A pesquisa mostrou que, partindo da premissa histórica, foi possível perceber uma conjunção de fatores, principalmente tecnológicos e de âmbito da economia brasileira, que foram implicando nos modelos produtivos e nas formas de expressão do conteúdo telejornalísticos em Florianópolis.

Sobre uma hipótese de trabalho agora trazida, mas não explicitada anteriormente, a de que **a mídia televisiva, cada vez mais, aponta para um percurso auto-referencial em detrimento de um projeto mais voltado às práticas da realidade so-**

cial, já se pode comprovar que estas mudanças mercadológicas citadas foram fortemente influenciadoras desta postura auto-referencial abrigada, evidentemente, pelas mudanças sociais advindas desta era da digitalização e de um processo de individualismo humano que compartilha em rede muito mais de forma virtual do que presencial.

Neste aspecto, esta auto-referencialidade toma o lugar do outro, do testemunho, do público e, no âmbito local, esta auto-referencialidade é fluxo de mudança, pois afasta o expectador local, distancia, desaproxima, impede o reconhecimento e o efeito de sentido de pertencimento. Um outro, o telejornalista local, me impõe a representação dele sobre a minha – rouba a legitimidade de eu (audiência) ser deste lugar, de identificar como meu espaço, produzindo o efeito de sentido despertencimento, Assim, neste aspecto a relação é imperfectiva, ou, aquela que é imperfeita, incompleta, que não se dá por fluxo, não se estabelece.

Neste artigo, procurou-se trazer a explicitação desse processo que se estabeleceu, no nível discursivo, a partir das escolhas e simulações de mudanças de alguns formatos tradicionais na produção em telejornalismo local. Por exemplo, a mudança do processo tecnológico de transmissão ao vivo para os modelos de gravação em estúdio, diminuindo paulatinamente entrevistas e passagens de repórteres nos locais dos acontecimentos transferindo estas falas para os estúdios, em “cenários padrão” e com participação de especialistas (comentaristas), maior do que com os testemunhos dos fatos.

Esta situação implicou no tipo de reportagem. Nos primeiros anos, os telejornais tinham maior tempo de duração, e não contavam com editorias fixas, pautavam-se pelos acontecimentos e tematizam os assuntos em curso, ofertando um maior tempo de fala e apresentação do público local e das pautas de interesse das comunidades de cobertura. Em razão desta proximidade, as reportagens eram construídas de diferentes formatos, sem um padrão específico, nas quais, em sua maioria, os repórteres narravam os fatos nos próprios locais dos acontecimentos, com tempo para descrever e enfatizar situações, entrevistando diferentes personagens das histórias, com uma fala mais conversada e participativa e, com isso, promovendo um maior efeito de sentido de pertencimento e de reconhecimento.

Cenário padrão, especialistas e repórteres ocupando a maior parte do espaço da tela constitui-se num imperfecto, imperfectivo, o que não é perfeito não engaja, não

estabelece empatia, causa efeito de sentido de estranhamento. O público, a audiência não se vê, não se reconhece, não se sente parte do processo.

Ao longo do percurso, percebeu-se também que a redução de custos na produção televisual impetrou uma fórmula padrão de produção que foi se construindo para otimizar e controlar, com mais ênfase, o processo produtivo. Aqui também há um fluxo imperfectivo, que não se realiza, pois estabelece a desordem, não tem lógica. Esse controle (não empregado aqui na compreensão ideológica) padronizou vários elementos tais como uma rotina de trabalho com hora marcada para realizar as reportagens e as apresentar na redação, a realização de determinados formatos de programas e entrevistas que permitiam cenários fixos, em ambiente de estúdio bem como os horários de trabalho das pessoas e das diferentes equipes, permitindo formas de remuneração diferentes de acordo com as funções e o tempo de dedicação.

Esse controle organizou e sistematizou permitindo planejamento e otimização dos processos, porém, em outra direção, o resultado dessa análise indica que uma das premissas norteadoras começou a se efetivar a partir deste modelo de produção controlada: **a auto-referencialidade em contraposição ao reconhecimento do local em si mesmo, inerente ao seu próprio fluxo de mudanças e permanências.** O que se vê é o outro, um outro no qual não me vejo e num espaço ao qual não pertencço.

Em detrimento do reconhecimento da comunidade, os programas assumiram rotinas e padrões nos quais o reconhecimento era de e para seus próprios pares, alçados a representantes “reconhecidos” e virtualmente dotados do poder de “falar por” ou “ser o porta voz” do público local, produzindo o efeito de sentido de poder ser ou de ser com o poder de. Os cidadãos perdem espaço nas telas para que os profissionais a ocupem, em demasia, para falar por eles, para representar, subvertendo os preceitos da função do telejornalismo no social.

Ainda, confrontando resultados da análise bibliográfica sobre a história, dos programas existentes e estruturas administrativas das emissoras, foi possível entender, também, porque este percurso auto-referencial foi se construindo no telejornalismo em Florianópolis.

Uma primeira apreensão refere-se à necessidade de produzir, dentro de um roteiro e de um tempo predeterminado, geralmente mais curto do que o necessário, o materi-

al televisual. Esta determinação administrativa foi incentivando uma postura de agenda dos profissionais que organizavam uma lista de fontes que podiam ser abordados nos horários da produção e que tinham desempenho televisivo (ou seja, pessoas que sabiam se posicionar e falar bem no veículo).

Desta forma, para além daqueles testemunhos dos fatos, o público que é também a audiência do telejornal (ligados, principalmente, às reportagens factuais) todo o resto dos temas e assuntos que podiam ser tratados de forma planejada (antecipadamente e com controle de produção) passou a contar com esta sistemática. Do ponto de vista discursivo, ou, no nível discursivo, a pesquisa mostrou que as reportagens adquiriram um formato que foi se tornando hegemônico e cuja variação se dava, apenas, na questão do tempo de duração.

E, outro padrão, ou regularidade, aparece nas reportagens temáticas que passaram a ter o mesmo tratamento com poucas variações de enfoque, ou seja, a padronização foi com-formando o fazer produtivo televisivo em razão de economia e logística sem que esta padronização fosse adequada ao modelo do discurso televisual.

O foco desta análise centrou nas emissoras de televisão que atuam na cidade de Florianópolis e nos programas do gênero **telejornal** que apresentavam *conteúdo local* (regional ou estadual), ou seja, os telejornais que narram notícias cujas temáticas recorrem ao cotidiano e as especificidades da cidade de Florianópolis.

Há ainda um amplo espectro de estudos a ser aprofundados neste âmbito, afinal, o local representa um espaço de excelência dentro do telejornalismo contemporâneo, acuado pelas redes sociais e esquecido de sua força locutória e imagética, afinal, ele é uma tela de visão, que apresenta as imagens do mundo em movimento e em tempo real a sua ocorrência. Nada é tão o mais inovador que isso, precisamos apenas saber usar.

Referências

- AMORIM, Maristela. **Os Primeiros Tempos da Televisão em Florianópolis: A TV Florianópolis**. 1984. Não paginado. Monografia - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: Minerva, 2002.
- CAVENAGHI, Beatriz de Araújo. **Telejornalismo local: estratégias discursivas e a configuração do telespectador**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Fede-

ral de Santa Catarina. 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122899>.

COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: o local do telejornalismo na contemporaneidade. In: COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda (orgs.). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Insular, 2019.

CRUZ, Dulce Márcia. **Televisão e Negócio: a RBS em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

EMERIM, Cárilda. *Análise da narrativa televisiva: da do programa ao texto*. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

_____. *Telejornalismo e semiótica discursiva*. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flavio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. Florianópolis: Insular, 2014.

_____. *Semiótica discursiva: aplicações na pesquisa em jornalismo*. In: (159-184). In: SCÓZ, Murilo; VANDRESEN, Monique; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e (orgs.). **Proposições interativas: modos de produzir sentidos**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2016.

EMERIM, Cárilda; CAVENAGHI, Beatriz. *Os primeiros vinte anos das emissoras de televisão em Santa Catarina*. In: Anais do 4º Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia – ALCAR RS. São Borja (RS). Universidade Federal do Pampa. 2012.

_____. *Os primórdios da televisão em Santa Catarina: mercado e produtos*. In: Revista Brasileira de História da Mídia. Volume 03, número 01. 2014. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3982>, acessado em 22 de Julho de 2019.

EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane; CAVENAGHI, Beatriz. *Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo*. In: ANAIS do 13º SBPJOR, disponível em <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100>; acessado em 02 de novembro de 2017.

FINGER, Cristiane; EMERIM, Cárilda; CAVENAGHI, Beatriz. *Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo*. Revista Sessões do Imaginário (PUC/RS), ano 22, numero 37, 2017; disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073>, acessado em 05 de novembro de 2017.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
_____. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.

HERREROS, Mariano Cebrián. **Introducción al lenguaje de la tele-visión: una perspectiva semiótica**. Madrid: Ed. Piramide, 1978.

LIDDINGTON, Jill. *O que é história pública? Os públicos e seus passados*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LOPÉZ, José G.. **Desafios de la comunicación local: guía para la practica de la información em los ámbitos de proximidad**. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2009.

- MARCO, Benhur de. **O controle da mídia:** elites e a radiodifusão em Santa Catarina. 1991. 140f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MATTOS, Sérgio Ferreira de. **TV Barriga Verde de Florianópolis:** estudo de caso do período 1984/1987. 1992. (varias paginações) Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MENESES, Verônica Dantas. **O Brasil e os brasis na televisão regional aberta.** Palmas (TO): EDUFT, 2015.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder:** a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis, Lunardelli, 1992.
- PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, pp.67-84, 1º. sem. 2005. pp.67-84.
- SCARDUELLI, Paulo. **Network de Bombacha:** os segredos da TV regional da RBS. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio. **Memória da Radiodifusão Catarinense.** Florianópolis: Insular, 2009.
- PROPAGUE. **Propague:** 25 anos de historia da propaganda de Santa Catarina. [S.l.: s.n.], [19--]. 98p.